

Educação Popular em Campinas – SP: A Escola Corrêa de Mello

Maria Eugênia Castanho
meu.castanho@gmail.com

Resumo: Em Campinas, SP, em meados do século XIX começam a existir escolas para atender ao movimento que ocorria no cenário econômico brasileiro. Vejamos a história desse movimento, detendo-nos na criação de uma escola popular que começou na cidade ainda no tempo do Império, entrou no período republicano, viveu inúmeras décadas, teve seu prédio de bela arquitetura demolido, sofreu grandes dificuldades e sobrevive: Escola “Corrêa de Mello”. O trabalho parte de informações sobre a educação em geral e sobre a pessoa de Joaquim Corrêa de Mello, analisa os dados históricos disponíveis e vale-se de depoimento pessoal da autora desta comunicação. Apadrinhado por Álvares Machado, chega a Campinas um jovem que se torna farmacêutico em 1834 pela faculdade de Farmácia do Rio de Janeiro. Seu nome: Joaquim Corrêa de Mello, que se destaca com pesquisas sobre a flora da região e descoberta de medicações decorrentes dessa flora. Após seu falecimento e dada sua marcante atuação junto às crianças, especialmente as pobres, pessoas influentes da cidade decidiram fazer uma escola com seu nome para continuar sua benemerência. A escola é posta a funcionar em 1881, oito anos antes da Proclamação da República, no então Largo Jurumberal, posteriormente rebatizado de Largo Corrêa de Mello em frente ao atual Mercado Municipal (conhecido como “Mercadão”). Torna-se municipal em 1889 e funciona até 1963 quando sua bela construção projetada por Ramos de Azevedo, tomando todo o quarteirão, é demolida e o local transforma-se em terminal de ônibus. A escola vive anos em vários lugares no bairro chamado São Bernardo e apenas em 1976 é reinaugurada em prédio próprio no bairro Parque Universitário. Hoje, após lutas e múltiplos esforços funciona como a maior escola municipal e com qualidade de ensino elogiada, voltada ao *papel histórico fundamental de sua origem*.

Palavras chave: História. Educação Popular. Escola.

Abstract: In Campinas, SP, Brazil, in the mid-nineteenth century, took place a strong movement to join Brazilian trend to create schools for popular education. This movement began in Campinas at Empire period, entered the Republican one, followed for various decades, but the chief building of its architecture has been demolished. It was the School “Corrêa de Mello”, that, despite great difficulties, still survives. The work is based on information about education in general and about the person of Joaquim Corrêa de Mello, analyzes the available historical data and is also based on personal testimony of the author

of this communication. Sponsored by Álvares Machado, a young man arrives in Campinas who became a pharmacist in 1834 by the Faculty of Pharmacy of Rio de Janeiro. Its name: Joaquim Corrêa de Mello, who stands out with research on the flora of the region and discovery of medications resulting from this flora. After his death and given his remarkable performance with children, especially the poor, influential people of the city decided to make a school with his name to continue his benemerence. The school was put into operation in 1881, eight years before the Proclamation of the Republic, in the Jurumeral Square, later renamed Largo Corrêa de Mello in front of the current Municipal Market (known as “Mercadão”). It became municipal in 1889 and runs until 1963 when its beautiful construction designed by Ramos de Azevedo, taking the entire block, is demolished and the site becomes a bus terminal. The school lives for years in various places in the neighborhood called São Bernardo and only in 1976 is reopened in its own building in the Parque Universitário neighborhood. Today, after struggles and multiple efforts it functions as the largest municipal school with praised teaching quality, focused on the fundamental historical role of its origin.

Keywords: History. Popular Education. School.

Introdução

A educação no Brasil, após ter passado pela orientação dos jesuítas até sua expulsão em 1759, teve a instituição das Aulas Régias. Enquanto as mudanças não chegavam a cidades como Campinas, os primeiros professores foram padres e leigos que se ofereciam para aulas particulares. No século XIX, a produção cafeeira e a açucareira foram importantes fatores de crescimento da área urbana e da rural. Em 1850 nossa população era aproximadamente de 15 mil habitantes. Em 1860 surge o *Colégio Florence para Moças*, e em 1900 o *Colégio Progresso*. Campinas sofreu o *gravíssimo e prolongado* problema de saúde que foi o surto da febre amarela, de 1889 a 1897, levando o *Colégio Florence* a transferir-se para Jundiá e o *Colégio Internacional* (surgido em 1872) para Lavras, MG.

Em Campinas a Igreja católica criou o *Liceu de Artes e Ofícios* em 1897 (atual Liceu Salesiano) para ensinar tipografia, carpintaria, alfaiataria e sapataria, atendendo muitas crianças órfãs, abrigando-as e ensinando-as. Em 1874 inaugura-se, pela “Sociedade Culto à Ciência”, o famoso Colégio “*Culto à Ciência*”, privilegiando o ensino laico de cunho positivista.

Em 1903 existiu a chamada *Escola Complementar*, que funcionou no Largo da Igreja Catedral até 1924, indo em seguida para o belo prédio (tombado pelo Patrimônio Histórico) existente até nossos dias à Avenida Anchieta, tendo recebido em 1936 o nome de *Escola Estadual de Primeiro Grau e Normal Carlos Gomes*.

Com o surgimento das máquinas na produção nos séculos XIX e XX vão aparecendo as escolas técnicas, atendendo demandas do mercado de trabalho. A primeira em Campinas foi a Escola Técnica de Comércio Bento Quirino, espaço posteriormente ocupado pelo Colégio Técnico da Unicamp, o COTUCA. São criados também: Colégio São Benedito em 1902, Externato Tiradentes em 1904, Colégio sagrado Coração de Jesus (1908) e Externato São João (1909).

Diante da posição de destaque tanto pela forte produção cafeeira quanto pelo elogiável cenário educacional, surgiu na cidade, entre outras, uma instituição para atender a população mais fragilizada em relação ao direito de ensino e de aprendizagem: a *Escola Corrêa de Mello*. O motivo de seu nome foi uma homenagem ao farmacêutico paulista Joaquim Corrêa de Mello.

Joaquim Corrêa de Mello

Campinas vivia o tempo do Império. Em 10 de abril de 1816 nascia em São Paulo *Joaquim Corrêa de Mello*, filho de pai português naturalizado brasileiro. Joaquim começou os estudos de Direito, porém com a morte do pai, interrompeu os estudos. Veio para Campinas com o padrinho (Francisco) Álvares Machado de Vasconcelos, passando a trabalhar em sua botica. Em 1834 foi para o Rio de Janeiro onde fez o curso de Farmácia. Dois anos depois, voltando a Campinas, tornou-se sócio da botica de Álvares Machado. (MONTEIRO SALLES, 1978)

Durante vinte anos fez valiosas experiências utilizando-se da flora brasileira e atendendo crianças gratuitamente, em especial as pobres. Tornou-se profundo conhecedor da flora de nosso país. A principal colaboradora era a filha Francisca (de Salles Mello). Teve seu nome ligado a várias descobertas e com suas pesquisas tornou a Botânica Brasileira conhecida em inúmeros países, principalmente na França e na Inglaterra. Hércules Florence em relato autobiográfico fala de Joaquim como homem instruído com quem soube da existência do nitrato de prata, ajudando também a elaborar o nome *photographia* (em grego *photo*, luz, e *graphia*, escrita).

O imperador brasileiro D. Pedro II descobriu Joaquim Corrêa de Mello deparando com foto na *Linnean Society* na Inglaterra e, surpreso, soube que se tratava de alguém da cidade de Campinas. Vindo a Campinas prestigiou-o e convidou-o a acompanhá-lo em sua visita. Monarquista, acabou sendo deputado, mas não exerceu o cargo pela saúde delicada, falecendo em Campinas, aos 61 anos de idade, em 1877, na rua do Comércio, atual rua Dr. Quirino.

A Escola Corrêa de Mello de 1881/1888 até 1962

Em seu início, três anos após o falecimento de Joaquim Corrêa de Mello, a escola era mantida de acordo com os estatutos da *Sociedade Mantenedora da Escola Corrêa de Mello* que regulavam todo seu andamento, como a contratação de professores, os períodos letivos, os programas e a organização das provas. Nesta escola, os exames finais eram públicos, sendo montada comissão para realizá-los, com convites a membros do poder público e a professores de outras escolas. O resultado era deliberado por votação secreta e os alunos recebiam premiações (inclusive em dinheiro) de acordo com o desempenho e a postura de cada um. No currículo constavam as disciplinas de língua portuguesa, aritmética e álgebra, com o uso de equações do primeiro grau, geografia geral e história do Brasil. Dependendo da disponibilidade orçamentária eram ensinadas disciplinas com

noções gerais do direito público e higiene. (ANANIAS, 2000) Mantinha cursos diurnos para crianças carentes e noturnos para trabalhadores. A escola foi doada à Câmara em 1889, a ela incorporando-se definitivamente em 1894, tornando-se municipal. Vale lembrar que o poder executivo municipal competia, no Império, à Câmara, que também legislava. Com a República (1889) o executivo passou para o Intendente Municipal.

Inaugurada em 1881, funcionava em todo um quarteirão, frente ao Mercado Municipal de Campinas, o “Mercadão”. Demolida, o quarteirão passou anos abandonado e hoje o espaço da escola é ocupado pelo Terminal Central de Ônibus! As referências históricas dão conta apenas de seus inícios, quando a região era muito pouco habitada. Começou atendendo crianças pobres e era comum falar-se da escola a frase: “Corrêa de Mello: aceita descalço e dá sopa”. Com o passar das décadas do século XX e com a presença do Mercado Municipal a partir de 1907 a região alterou-se bastante com intenso comércio de todo tipo: bares, restaurantes, lojas etc. Os comerciantes passaram a colocar seus filhos nessa escola. Os professores eram concursados e pertencentes a famílias conhecidas da sociedade campineira.

Destacamos que a reforma do ensino no estado de São Paulo instituiu a escola primária “graduada”, isto é, dividida em séries por idade e grau de adiantamento. Decreto estadual paulista de 1893 criou os “grupos escolares”. O certo é que documentos nomeiam a escola como “Grupo Escolar Municipal Corrêa de Mello”. Ao que tudo leva a crer o estabelecimento prosseguiu como Escola Municipal Corrêa de Mello e depois transformou-se em Grupo Escolar Municipal Corrêa de Mello.

Testemunha Ocular

Na década de 1950 a escola era muito valorizada por sua atuação na região. Fui aluna do então *Grupo Escolar Municipal “Corrêa de Melo”* do jardim de infância ao curso Primário de 4 anos (de 1953 a 1956). Ali tive a mesma professora durante os quatro anos do curso: a competente Tereza de Angelis, sendo João de Toledo o diretor. Ali aprendi a ler e escrever, aprendi as 4 operações e tantas outras coisas. Aprendi a segurar corretamente o lápis, coisa difícil e que não vejo hoje as crianças serem ensinadas!

Diariamente, em cada lição, em cada página de cada caderno, começávamos escrevendo obrigatoriamente “Grupo Escolar Municipal “Corrêa de Melo” e em seguida nosso nome completo. Eu não imaginava o que ou quem era Corrêa de Mello. A escola funcionava num quarteirão todo gramado e cercado com rica vegetação, com um belo prédio no centro, projetado pelo importante arquiteto Ramos de Azevedo, com 4 classes para as 4 séries primárias. Havia no prédio, em sua lateral, um local onde assistíamos a filmes exibidos pelo conhecido profissional Henrique de Oliveira.

A entrada era pela Rua Bernardino de Campos, pois na Benjamin Constant, do lado de fora numa grande calçada ficavam banquinhas de venda de bu-

gigangas e engraxates, não esquecendo os mascates e outros vendedores. Talvez ponto de taxi também. Havia parque infantil e ao lado dele uma parte agradável, coberta, que compreendia a cozinha, mesas e bancos compridos, onde eram servidos lanches saborosos inesquecíveis. Nessa construção, próxima ao parque, havia uma sala onde a professora lia histórias para nossa classe na sexta-feira, preparando-nos para o fim de semana.

Nas imediações deste lugar brincávamos de pular corda. Nos gramados imensos, nos reuníamos no recreio e ficávamos conversando sobre nossos interesses e dúvidas na época. Só meninas. Lembro-me que aos meus 9 ou 10 anos, portanto nos dois últimos anos do curso, numa dessas reuniões só de meninas eu disse que talvez não fosse verdade que era a cegonha que trazia os bebês e perguntava: “o que a cegonha faz com o dinheiro?”. Uma colega da mesma idade que eu, gargalhou e disse: “é claro que não é verdade!”. Mas também não sabia como isso acontecia.

Saí do “Corrêa de Mello” com boa formação que me deu os fundamentos necessários para todos os estudos posteriores. Menos de 10 anos após minha saída o maravilhoso prédio, foco de tantas recordações e descobertas, desapareceu, sendo demolido sob protestos da população de Campinas.

A Escola Corrêa de Mello de sua demolição a 1975: o período nômade

Após uma série demorada de mudanças de local, a escola hoje funciona num espaço agradável e acolhedor em bairro distante, o Parque Universitário, com direção e orientação que buscam continuar a cumprir seu papel histórico de preservar a memória de Joaquim Corrêa de Mello, oferecendo ensino de qualidade e preparando o aluno para se tornar agente consciente, com capacidade de interagir e interferir nos rumos da sociedade. Dado histórico desconhecido por muitos pesquisadores e estudiosos da área da educação.

Tendo sido demolida e funcionando em novo prédio no Parque Universitário a partir de 1976, a Escola Corrêa de Mello suscita uma indagação: que lhe aconteceu entre 1963 e 1976?

Buscando esclarecer o que se passou nesse entretempo, ouvimos o sr. Estevan de Almeida Negreiros, ex-diretor de uma escola estadual que esteve imbricada com a sobrevivência precária do Corrêa de Mello. A entrevista com o sr. Negreiros se deu em Campinas, onde reside, no dia 5 de julho de 2018. Disse ele ter sido diretor da Escola Geny Rodrigues num momento em que a Corrêa de Mello não teve propriamente uma sede fixa e sua diretora foi a professora Maria Tereza.

Pelo relato desse período pode-se observar o verdadeiro drama que deve ter sido a sobrevivência da Escola Corrêa de Mello, demolida em 1963 na Praça Corrêa de Mello e que apenas em 1º de fevereiro de 1976, na avenida 3 do Parque Universitário, foi inaugurada como “Escola Municipal de 1º grau Corrêa de Mello”.

A Escola Corrêa de Mello de 1976 aos dias de hoje

O que surpreende e emociona é ver que a Escola, com sua história de criação em 1881 ainda no tempo do Império ganhando um prédio projetado por Ramos de Azevedo, funcionou no Largo Jurumbeval (posteriormente denominada Praça Corrêa de Mello) até 1963, quando foi demolida e há registros dizendo-a extinta! Escola que não se extinguiu passando anos difíceis ocupando espaços na Avenida das Amoreiras até ser reinaugurada, precariamente, porém em espaço próprio e depois ganhando melhorias por parte dos que ali atuavam e atuam. Hoje tem alto conceito na comunidade.

A Escola está há mais de 40 anos no Parque Universitário. Segundo a diretora, professora Rosana Toniato, é uma das maiores escolas, atualmente com 900 alunos, oferecendo um ensino de qualidade e preparando o aluno. Por ser municipal oferece ensino fundamental. Tem 13 salas por período (manhã, tarde) e seis salas à noite com oferta de Educação de Jovens e adultos, funcionando os ciclos I e II, III e IV (antigo primário e ginásio). O Professor da escola, Mário Eduardo Ferreira Lima, de História, fez um livreto emocionante de 30 páginas sobre o Corrêa de Mello. Ali ele afirma:

A Escola Municipal de Ensino Fundamental “Corrêa de Mello” cumpre seu papel histórico e fundamental de preservar a memória do ilustre botânico e da antiga Escola, no Largo Jurumbeval, atendendo toda a comunidade, oferecendo um ensino de qualidade e preparando o aluno para se tornar não só um cidadão, mas um agente consciente, produtor de conhecimento e com capacidade de interagir e interferir nos rumos da sociedade. (2018, p. 23)

Considerações finais

O objeto da pesquisa empreendida e aqui relatada não é completo. O que fica como elemento valioso é verificar a existência histórica de preocupação com a qualidade da educação básica para as classes populares e a continuidade da escola até os dias atuais com raízes nos objetivos de quando foi criada.

Monteiro Salles (1978, p. 39) fala de coincidências na saga desta Escola:

Desde a primeira construção foi-lhe destinada a periferia da cidade. O Largo do Jurumbeval era distante do centro. Depois foi a vez do prédio da avenida das Amoreiras, no longínquo bairro do Jardim São Bernardo. E, por fim, neste Parque Universitário a pouco mais de duas léguas do centro, mas sempre para o Oeste – que é o Poente, o Ocaso ...o Olvido!

Outra coincidência: foi dirigido em sua primeira fase por Luiz Cerqueira Monteiro, avô da última diretora do grupo quando ocupava o prédio do São Bernardo e no Parque Universitário teve como diretora Anita Mallouk antiga aluna de primeiras letras do “velho, do autêntico, do genuíno Grupo Escolar Corrêa de Mello – aquele que foi derrubado”.

Resta a tradição do nome. O horrorizado historiador Celso Maria de Mello Pupo frente à ameaça da demolição que acabou acontecendo, em artigo de 1962 escreve: “Tradição não é velharia, não é saudosismo nem é prosápia mas é cultura através das gerações”. (MONTEIRO SALLES, 1978, idem, ibidem)

Acrescento que ao lado da tradição do nome, a Escola é um exemplo de trabalho por parte da gestão, de docentes, de estudantes e funcionários buscando a boa formação humana. Exemplo vivo de que a luta nesse sentido sempre vale a pena.

Referências

ANANIAS, Mauricéia. **As Escolas para o Povo em Campinas: 1860-1889: origens, ideário e contexto.** Dissertação de mestrado. FE-UNICAMP, Campinas, SP, 2000.

CAMARGO, Munir Abboud Pompeo de. **O Contrato e a Concepção: arquitetura escolar e grupo mandatário em Campinas: 1870-1889.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas, SP, 2018.

LIMA, Mário Eduardo Ferreira. **A Escola Corrêa de Mello.** Arquivo/livreto pessoal. 2019.

MONTEIRO SALLES, Francisco José. **Joaquim Corrêa de Mello: sua vida e sua obra.** Publicações da Academia Campinense de Letras n. 38, Campinas, Estado de São Paulo, 1978.

NEGREIROS, Estevan de Almeida. **Entrevista** em 5 de julho de 2018.

- **Maria Eugênia L. M. Castanho é mestre e doutora em Educação pela Unicamp, professora da PUC-Campinas (aposentada), membro fundador e titular do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas.**
CV: <http://lattes.cnpq.br/3883562938853685>

